

Skate(s) na Educação Física escolar¹

Prof. Jorge Luiz de Oliveira Júnior

EMEF Raimundo Correia

Este trabalho foi realizado na EMEF Raimundo Correia, localizada em São Miguel Paulista, na região do Jardim Helena, zona leste de São Paulo. A escola funciona em dois períodos, atendendo alunos/as do 1º ao 9º anos do Ensino Fundamental, em sua maioria, descendentes de nordestinos/as. A região é periférica e populosa, o que levou o poder público a instalar diversas escolas no local. O trabalho ocorreu entre os meses de agosto e outubro do ano de 2012, com a turma do 6º ano C.

O Projeto Político-pedagógico da escola versava de uma forma ampla a “diversidade cultural”, e de modo específico, o “conhecimento e respeito à diversidade cultural dos alunos e da comunidade”. Além desse documento, o trabalho ancorou-se nas Orientações Curriculares do Município de São Paulo – Educação Física, que se fundamentam na perspectiva cultural da Educação Física. Uma proposta que se fundamenta nos Estudos Culturais e no multiculturalismo crítico².

Dois fatores me levaram a decidir pela tematização da manifestação corporal skate. No primeiro semestre, outro professor de Educação Física da escola trabalhou com o tema em suas turmas de 8º ano e isso despertou curiosidade e desejo nas alunas e alunos da turma. Outro fator foi existirem skatistas na turma, a Tati e o César³, que me perguntavam quando o skate estaria presente nas aulas. Em conversas com alunos e alunas skatistas de outras turmas tomei conhecimento dos preconceitos que sofrem, especificamente o fato de serem vistos como usuários de drogas.

Com essas ideias iniciais, realizei o mapeamento sobre os conhecimentos que as alunas e alunos possuíam acerca do skate. Fixei na lousa cinco imagens de skatistas em diferentes situações e lancei as seguintes questões: “O que você sabe sobre estas imagens?”; “Conhece algum/a *skatista*?”; “Qual a primeira coisa que vem a sua cabeça quando você vê um *skatista*?”; “Você acha que existe preconceito contra skatistas?”. Então, solicitei às alunas e

¹ Projeto desenvolvido pelo Prof. Jorge Luiz de Oliveira Júnior e comentado pela Profa. Maria Emília de Lima.

² Esses campos de análise e produção de conhecimentos estão mais bem explicitados em Neira e Nunes (2006 e 2009)

³ Os nomes das alunas e alunos envolvidos no trabalho são fictícios.

alunos que registrassem suas respostas em folha avulsa, considerando as imagens e o que sabiam daquela prática.

Algumas respostas me animaram: “o skate vai ser da hora”; “eu quero aprender a andar de skate porque eu nunca subi em um”; “o Renato manja andar de skate, professor. Chama ele aqui.”; enquanto outras me desafiaram: “professor, na escola não pode andar de skate” e “minha mãe falou que quem anda de skate é vagabundo. Mas eu não acho isso”. Concluí que o preconceito contra merecia ser problematizado e com relação ao gênero, alunas e alunos demonstraram que ambos andam de skate, que “não é só coisa de menino”.

Definido o tema de estudo, o trabalho teve como objetivos: ampliar e aprofundar as leituras e conhecimentos relativos ao skate; e problematizar, no decorrer das aulas, o preconceito existente contra os/as skatistas. Por sua vez, as expectativas de aprendizagem adaptadas a partir das Orientações Curriculares de Educação Física foram: compreender, vivenciar e sugerir modificações visando adaptar o skate à demanda do grupo, mediante as situações da prática e interpretar textos acerca do skate, relacionando-os com as situações vivenciadas em aula.

Como tenho feito com as turmas de anos anteriores, sugeri uma forma de registro do trabalho. Grupos de alunos e alunas se revezavam em registrar cada aula em um caderno específico com a função de darmos sequência ao estudo e confrontarmos diversos posicionamentos dos/as colegas. Informe também que faria minhas anotações e que, eventualmente, poderíamos confrontar os dados.

Nas aulas que seguiram, realizamos a vivência do skate na quadra. Iniciamos com dois skates – um deles era aquele usado pelo outro professor e o outro do aluno Renato, skatista, do 8º ano. O combinado coletivamente foi dividir a turma em duas fileiras, cada qual ficaria com um skate. Diante da situação, surgiram conflitos: alguns alunos e alunas faziam percursos diferentes do estabelecido no início da aula e “furavam” a fila. Tão logo os conflitos aconteciam, os envolvidos/as conversavam a fim de resolvê-los, lembrando-se dos combinados no início da aula.

Visando aprofundar os conhecimentos referentes ao skate, no final de uma dessas aulas solicitei pesquisas⁴. Orientei que os equipamentos, gestos, manobras, modalidades do skate e outros aspectos que as alunas e alunos julgassem importantes poderiam ser

⁴ Alguns sites sugeridos por mim e pelas crianças para a pesquisa: <http://www.cbsk.com.br>; <http://www.sk8.com.br>; e <http://www.manobrasdeskate.com>; Nestes são possíveis encontrar informações gerais sobre skate e vídeos das manobras e modalidades.

investigados. Considerando meus conhecimentos superficiais sobre o assunto, também pesquisei na internet, conversei com amigos da juventude que praticavam e com alguns vendedores de lojas especializadas.

Na aula seguinte, as pesquisas foram socializadas com a colaboração da Tati e do César. Ambos explicaram as partes do skate e suas funções: *shape*, *truck*, *nose*, *tail*, rolamentos, rodinhas e lixa. Também comentaram sobre a remada, movimento que dá impulso ao artefato, e deram dicas de como equilibrar-se e dirigir. Por último, falaram sobre as manobras *ollie*, *flip*, *kick-flip* e *varial-flip*, demonstrando os movimentos.

Cabe registrar que o aluno César contribuiu com o desenvolvimento do trabalho não só socializando seus conhecimentos como também emprestando um skate para as vivências práticas. Nesse momento do trabalho, já dispúnhamos de três skates. Seguimos com as aulas experimentando outros combinados coletivos, como sugestões de percursos e manobras.

Ao saber que tematizávamos o skate, uma professora da escola gentilmente se propôs a ajudar e emprestou um *waveboard*⁵, que pertencia ao seu noivo. Com isso, alterei meu plano de ensino e resolvi levar o “novo” skate para a aula e desafiei as crianças a arriscar-se no novo equipamento. Algumas tentaram. O Lucas, que até então estava quieto nas aulas, disse que sabia andar. Dito e feito! Ele dominou o *waveboard* e ainda contribuiu com dicas valiosas. Ao final, sugeri que o *waveboard* fosse incluído nas pesquisas.

Nessa parte do trabalho, resolvemos numa discussão coletiva convidar o aluno Renato, do 8º ano, para uma conversa com a turma. Desta vez, a opção foi por um bate-papo livre, sem questões prévias. Queriam saber sobre sua experiência, manobras, gestos e gírias. Um grupo de alunos ficou responsável pelo registro das informações. Na conversa, uma das alunas perguntou se ele sofria preconceito por ser skatista. O colega respondeu afirmativamente e explicou que um dos motivos eram seus tênis rasgados. Explicou que os tênis rasgam porque ficam em contato constante com a lixa colada sobre o *shape*.

⁵ O *waveboard* ou *streetsurfing* é um tipo de skate com duas partes, cada uma com uma plataforma. Estas são conectadas por uma barra, que permite giros sobre ela. As rodinhas giram 360°. Alguns sugerem que o *waveboard* é uma mistura de skate, surfe e *snowboard*.



Após a conversa fomos à quadra para vivenciar as manobras e gestos explicados pelo Renato. Vivi intensamente essa experiência, pois em certo momento da aula, ele pediu que eu me deitasse no chão e então saltou sobre mim, demonstrando o *ollie*.

De acordo com o meu plano, buscando ampliar o tema em questão, na aula seguinte apresentei uma reportagem com o título “Minha pista é a paulista”⁶. Fiz a leitura em voz alta e, na sequência, engendramos uma discussão acerca do texto. Os pontos marcantes foram à percepção crítica de algumas alunas e alunos em relação ao conteúdo do texto e, de acordo com a aluna Tati, a observação de que as pessoas que não convivem naquele espaço consideram todos/as os/as skatistas iguais: “eles acham que todos usam drogas e que não querem nada da vida. Mas não é assim”. Alguns alunos/as a apoiaram dizendo que os/as skatistas que eles/as conhecem não são vagabundos/as e não usam drogas.

Na sequência das aulas, havia planejado vivências na quadra (já contávamos com quatro skates - o último de outro aluno da turma - e um *waveboard*). Entretanto, antes mesmo de sairmos da sala, surgiram dois alunos com um skate pequeno, conhecido como *fingerboard*⁷ ou skate de dedo. Muitos/as colegas afirmaram conhecê-lo, enquanto não. Resolvi replanejar a proposta inicial e as aulas, pois acreditei que essa discussão seria

⁶ Reportagem publicada no jornal Folha de São Paulo no dia 31/07/2012. O texto aborda a carência de pistas públicas de skate na cidade. O que leva os skatistas procuram lugares para as suas manobras, como na Praça Oswaldo Cruz. São entrevistadas pessoas com opiniões divergentes: de um lado, um homem que critica a presença dos skatistas no local, associando-os ao aumento do vandalismo e ao uso de bebidas e drogas. Por outro, alguns skatistas afirmam a falta de pistas, e que na Avenida Paulista aprendem novas manobras e trocam peças com outros praticante, além de conhecerem possíveis patrocinadores.

⁷ O *fingerboard* ou skate de dedo é uma miniatura do skate com o qual é possível realizar manobras com os dedos da mão. Seguem as mesmas características do skate, com *shape*, *trucks*, rodinhas, lixa e parafusos.

importante e contribuiria para atender aos objetivos propostos no trabalho. Então, convidei-os a explicar e demonstrar como “andar” naquele skate. À frente da turma, falaram o nome e realizaram poucas manobras. E, só então, fomos à quadra para a vivência do skate, do *waveboard* e agora também, do *fingerboard*.



Ao conversar com uma professora, soube que seu filho tinha um *half pipe*⁸ de plástico, próprio para manobras de *fingerboard*. Consegui a pista emprestada e mais dois *fingerboards* para as próximas atividades.

Em outra aula, duas alunas trouxeram, como parte da pesquisa sugerida, textos sobre a origem do skate e do *waveboard*. Compartilhei a leitura em voz alta na quadra e promovi uma conversa sobre o conteúdo do texto. A conversa foi registrada no caderno pelo grupo responsável. Foi possível constatar que esses tipos de skate têm uma forte ligação com o surfe. Feito isso, organizei a turma em três grupos, cada qual com uma proposta de vivência (*skate*, *waveboard* e *fingerboard*). Combinamos quanto à troca de grupos de modo que quem quisesse, teria a oportunidade de vivenciar os três. Algumas crianças preferiram permanecer em seus grupos até o final da aula. Nesse momento do projeto, solicitei que algumas alunas gravassem as vivências com uma câmera filmadora para que o trabalho tivesse mais uma forma de registro.

⁸ Um tipo de “rampa” em miniatura, similar a usada por skatistas profissionais em competições.
[Digite texto]

Dando continuidade ao projeto, promovi uma atividade de assistência aos vídeos de modalidades de skate⁹, propondo assim uma situação didática na qual as crianças pudessem analisar e comparar com aquilo que já havíamos estudado, tencionando aprofundar os conhecimentos relativos à manifestação corporal. Ao assistir aos vídeos, algumas alunas e alunos puderam reconhecer os gestos e manobras, como também, gírias próprias dos skatistas, explicadas pelo Renato.

Nesse instante, sugeri que vivenciassem as modalidades identificadas nos vídeos. A maioria das crianças preferiu continuar com as mesmas vivências, pois falaram que as assistidas eram “difíceis de fazer”. Entretanto, um grupo de seis alunos tentou reproduzir o *slalom*. Essa modalidade envolve um skate mais estreito e menor, cabendo ao/à skatista passar entre cones alinhados numa ladeira fazendo zigue-zague, sem derrubá-los. Promovemos a ressignificação dessa modalidade colocando os cones mais afastados, vivenciando-a em um piso horizontal (quadra) e não no inclinado (ladeira), e usando o *waveboard* algumas vezes. Vale destacar que as vivências do *fingerboard*, *waveboard* e skate continuaram em grupos.



No decorrer das aulas, avalei que alguns alunos e alunas demonstraram desconhecer os gestos do *fingerboard*. Então, convidei a professora que nos emprestou o *waveboard* e dois alunos do 8º ano para explicarem e darem dicas de como fazer as manobras. Interessante foi perceber a admiração de algumas crianças em relação à performance da professora.

⁹ Os vídeos contemplaram o *bowl*, *downhill slide*, *downhill speed*, mega rampa, mini rampa, *freestyle*, *slalom*, *street*, vertical, *fingerboard* e *waveboard*. Ao selecionar os vídeos, atentei à distribuição equilibrada de skatistas mulheres, homens e crianças.

[Digite texto]

Na aula seguinte, alguns alunos e alunas me procuraram pois queriam fazer um painel sobre o estudo. O interesse nesse tipo de trabalho deveu-se a uma experiência bem sucedida em outra disciplina. Conversamos no início da aula sobre fazer um painel como “produto final” do projeto e a maioria aprovou a ideia.

Nessa mesma aula, propus uma situação didática de ampliação dos conhecimentos. Separei a turma em pequenos grupos e distribuí para um/a representante uma reportagem que me havia sido sugerida por outra professora: “O berço paulistano do skate está em risco”¹⁰. Após a leitura individual, solicitei que respondessem questões referentes ao texto. As respostas foram apresentadas após as discussões nos pequenos grupos. Ao final, convidei todos/as a um amplo debate sobre o preconceito enfrentado pelos/as skatistas e registrei algumas opiniões: uma aluna disse ter achado interessante o texto, pois percebeu que se as pessoas se unirem em torno de algo em comum existe maior chance de suas vontades serem atendidas; outro aluno falou que concordava com os paralelepípedos na rua, porque o barulho incomoda. Nesse instante, a Tati se posicionou contra, contando que o “barulho” pode até incomodar, mas isso “é o de menos”. Reafirmou suas experiências e de seus amigos e amigas skatistas que ainda sofrem diversos tipos de preconceito por andarem de skate, tanto por pessoas que desconhecem a prática como por outros grupos culturais, cintando funkeiros e pagodeiros.

Voltei a consultar o plano de aula e as Orientações Curriculares de Educação Física do município e elenquei mais uma expectativa de aprendizagem, por conta do trabalho “final”: “elaborar formas de registro e comunicação a partir da vivência”.

Na aula que seguiu, dois alunos contribuíram trazendo um texto sobre a origem do *fingerboard*. Decidiram revezarem-se na leitura em voz alta para a turma. Ao final da leitura fizemos uma breve discussão sobre o conteúdo e voltamos às vivências. Observei que algumas alunas e alunos já se sentiam mais à vontade com os gestos e manobras estudadas e, então, procuravam outros obstáculos, desafios e espaços na escola para a vivência.

Como produto final do trabalho, agendamos a elaboração e confecção dos painéis sobre o estudo de skate. Investimos três dias no desenvolvimento dos mesmos. Definimos os grupos de trabalho e cada um ficou responsável por um elemento: partes do skate,

¹⁰ O texto aborda uma situação conflituosa entre moradores e skatistas, em um bairro da região oeste da cidade de São Paulo. Os moradores, incomodados com o “barulho” causado pelos skates, procuraram o poder público, que substituiu o asfalto por paralelepípedos. Os/as skatistas se mobilizaram e conseguiram interromper as obras, até que se encontrasse uma solução satisfatória para todos/as. Disponível em (<http://www.skatecultura.com/2012/04/o-berco-do-skate-paulistano-esta-em.html>).

manobras, preconceito contra skatistas e modalidades. Ao final, colamos os cartazes num espaço para exposição na escola, para que todas as pessoas que circulassem por lá pudessem ver o que foi discutido e como foi o trabalho de skate do 6º C. Um ponto marcante do trabalho foi o fato de uma aluna, que não participou das vivências durante o projeto, ter se destacado nos registros diários e na confecção do cartaz de seu grupo. Foi possível observar o quanto ela aprendeu sobre o assunto.



Constatei que as alunas e alunos da turma participaram de diversas situações didáticas de ressignificação, aprofundamento e ampliação dos conhecimentos relativos ao skate. Além disso, os momentos de debate e vivência proporcionaram o estabelecimento de uma relação baseada no diálogo das crianças do 6º ano C com alunos de outras turmas, com representantes da própria manifestação corporal, com professoras da escola e entre elas mesmas. Em suma, envolver outros sujeitos da escola no trabalho foi um ponto positivo.

Considero que o projeto alcançou os objetivos propostos, assim como as expectativas de aprendizagem, por conta das análises dos registros e das conversas com as alunas e alunos. Constatei que os registros constituíram-se em ferramentas importantes no processo de localização, replanejamento e retomadas do caminho.

[Digite texto]